

# EDUCAÇÃO E ORGANIZAÇÃO

## DOS MORADORES:

### os diversos momentos

### do processo

### educativo\*

Rogério Cunha de CAMPOS\*\*



O resgate da memória das lutas dos moradores da região industrial de Belo Horizonte e Contagem indica a importância da educação escolar para os trabalhadores, neste momento. No movimento reivindicatório, a escola está presente ao lado de outras demandas fundamentais nos bairros e vilas proletárias. O processo de lutas por escola entrelaça-se com a constituição de organizações locais e coloca questões novas para os educadores.

\* Este texto, excetuadas a introdução e pequenas alterações em seu corpo, é parte do capítulo 5 da dissertação de mestrado "A Luta dos Trabalhadores pela Escola".

\*\* Professor da Universidade do Estado da Bahia.

“... Muitos pontos foram discutidos, entre eles o baixo nível da educação que o povo recebe, a falta de material escolar e de vagas nas escolas (...). O pessoal discutiu que é muito importante os pais acompanharem os filhos nos estudos, nas suas atividades escolares. E, além disso, a participação da comunidade na vida das escolas é fundamental”.<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

“Um governo que faz escola”, slogan que deverá fazer escola nas próximas campanhas eleitorais. Os que militam há muitos anos no cotidiano da educação escolar certamente se perguntam a razão da súbita importância conferida ao assunto, por políticos dos mais variados matizes ideológicos, alguns dos quais em cargos de responsabilidade há um bom número de anos, possuídos agora por um tardio, sob todos os aspectos, “entusiasmo pela educação”.

Ao lado da importância política (em minúsculas) que o Ministério e as Secretarias de Educação sempre desfrutaram na tradição clientelista brasileira, assegurada pelo imenso contingente de cargos de confiança e pela extensão da folha de pagamento – malgrado os baixos salários do professorado em todos os níveis e épocas –, as pastas da educação foram, até recentemente, o patinho feio da administração.

Ultimamente, entretanto, a pasta passa a constituir um importante cacife nas barganhas e negociações de bastidores. Com a aprovação da Emenda CALMON e a professada disposição do governo federal em cumpri-la, o Ministério assume um papel destacado, é objeto de disputas, assim como as Secretarias de Educação estaduais, e mesmo as de alguns municípios – apesar de os problemas crônicos da educação brasileira não virem sendo enfrentados com presteza correspondente.

Enganam-se, entretanto, os que pensam que a educação escolar é apenas um elemento de retórica eleitoral ou peça saliente da estratégia de sobrevivência política de populistas. Houve mudanças em algumas Secretarias de Educação, com a elaboração de propostas originais e a redefinição de planos na educação básica, resultado da convergência de interesses de políticos realmente preocupados com a educação escolar da grande massa da população e técnicos honestos e competentes.

Essa realidade tem repercutido, inclusive, nas reuniões científicas como as últimas Conferência Brasileira de Educação – CBE e Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência – SBPC, onde pontificaram autoridades dos diversos escalões e destacou-se como tarefa do momento atual “o fazer”. Nas falas e textos que distinguem as mudanças, o Estado é apresentado como o detentor das iniciativas, muitas vezes como o único protagonista – através de seus técnicos e da direção imprimida à área da educação – desse novo tempo. Certamente há referências genéricas a um novo momento político, à transição entre o “regime autoritário” e a “experiência democrática” em curso. Prevalece, entretanto, o discurso a-histórico que tem o Estado como Demiurgo.

O quase monopólio do discurso oficial sobre as mudanças processadas na educação escolar, por um lado, lança uma área de sombra sobre a direção e os limites do processo em curso e, por outro lado, assegura às iniciativas de maior repercussão um “prestígio” muito além do que efetivamente representam, se comparadas com as aspirações expressadas por diversos setores da sociedade, através de seus movimentos, nos últimos anos – até porque o regime militar não se fez notar por progressos na área da educação: estão aí o fracasso da alfabetização de adultos, os milhões de crianças sem escola, a queda da qualidade do ensino superior, entre outros.

Nas abordagens correntes, outros protagonistas ocupam (se e quando) um papel muito secundário: os professores de 1º e 2º graus e os movimentos sociais através dos quais os trabalhadores pressionam para a redefinição dos planos setoriais de educação e vêm conseguindo algumas conquistas, ainda limitadas em relação às demandas que os têm mobilizado.

Ao silenciar sobre a complexa trama que envolve a interação entre os movimentos sociais e o Estado, concedendo a este último o papel ativo na redefinição dos planos setoriais a que foi, em grande parte, obrigado, o discurso oficial elude, ao mesmo tempo, a diferença entre as perspectivas mais consistentes de solução dos graves problemas prioritários na educação da retórica populista, que toca na educação apenas como um recurso de inestimável valor eleitoral. Assim, a fronteira entre as iniciativas que visam a ter a educação escolar como um meio de libertação e aquelas nas quais ela é utilizada como um meio eficaz de dominação não se delinea claramente.

A educação escolar no Brasil de hoje é uma demanda real dos trabalhadores e a barganha clientelista não é o único caminho e destino das reivindicações neste âmbito. Para compreender essa realidade, é preciso percorrer o “caminho de volta”, reconstruir a memória das lutas cotidianas dos trabalhadores por educação básica, levantando o véu que encobre os movimentos e identificando as razões das pressões por transformações ainda mais profundas na educação escolar e na sociedade.

Tal necessidade implica o estudo sistemático dos movimentos por escolas empreendidos pelos trabalhadores nos últimos anos e compreende a investigação de vários aspectos.

Primeiro, o estudo das reivindicações especificamente por aspectos exclusivamente relacionados à escola, como as lutas por construção de escolas nos bairros e vilas proletárias; por extensão de série; por melhorias nas condições materiais dos prédios; pela ampliação do tempo de permanência diária dos estudantes na escola; pela ampliação do número de vagas; pela implantação do pré-escolar; contra a cobrança cotidiana de taxas diversas na escola pública; contra a extinção de escolas públicas; pela participação na gestão dessas escolas; pela utilização da escola como um espaço público.

Uma segunda área de preocupação diz respeito ao estudo das relações entre os movimentos por educação escolar e outros movimentos por reivindicação no âmbito do consumo coletivo e aqueles na esfera da produção, na perspectiva de estabelecer-se as mediações entre as diversas demandas sociais e seus respectivos movimentos.

A questão explorada neste texto liga-se a uma outra região desse imenso e facetado continente: a relação entre os movimentos por educação escolar e a organização dos trabalhadores nos bairros e vilas. A investigação sistemática desse aspecto (aqui apenas em seus passos iniciais) permitiria aprofundar as propostas de gestão da educação básica e a efetiva participação dos trabalhadores na direção da educação escolar pública.

O resgate da memória das lutas dos moradores da região industrial de Belo Horizonte e Contagem indica a importância dos movimentos, na conjuntura 1976/81, em busca de acesso e transformações na escola pública. O levantamento de dados no JORNAL DOS BAIRROS (1976/83), que circulou nos bairros operários de Belo Horizonte, Contagem, Ibirité e Betim, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, permitiu reconstituir a trajetória de lutas empreendidas pelas associações de moradores e organismos afins na periferia da capital mineira.

Os relatos a seguir apresentam aspectos das relações estabelecidas pelos próprios moradores da região entre as reivindicações por educação escolar e outras relativas às condições coletivas de vida. Através deles, percebemos que a educação é uma das principais demandas para os trabalhadores neste momento, e como ela se articula com o processo de organização popular.

1. Jornal dos Bairros, nov. 1980, p. 9.

## A EDUCAÇÃO ESCOLAR COMO ASPIRAÇÃO

Na conjuntura aberta com o fim do "milagre econômico" e a conseqüente crise do regime militar, as lutas da classe trabalhadora, por escola, assumem qualidade diferenciada no correr do tempo. De referências inespecíficas, junto a uma série de outras demandas ligadas à precariedade das condições coletivas de vida, passam progressivamente a pleitos muito concretos, que se traduzem em movimentos reivindicatórios conduzidos com um certo grau de consciência e organização.

Essa trajetória é perceptível quando acompanhamos os registros do JORNAL DOS BAIRROS em que a "educação" aparece, ao lado de outras, como uma das reivindicações importantes na região industrial.

Em fins de 1976, a pedido do presidente da Ação Comunitária do Barreiro de Cima, o JORNAL DOS BAIRROS publica notícia sobre a associação, fundada um ano antes, cuja finalidade é:

"... promover a união dos moradores do bairro, sua conscientização e participação na solução dos problemas de interesse comum quais sejam de urbanização, saúde, **educação**, cultura, profissão e recreação. . ."<sup>2</sup> (Grifo do autor, como os demais a seguir).

Trata-se de uma declaração de intenções muito comum, quando da criação de associações, sem que expresse efetivamente uma demanda que resulte em ações coletivas dos moradores do bairro. Talvez, por isso mesmo, a aspiração por educação não se traduz em reivindicações concretas. Certamente seria difícil traduzir para o plano concreto, igualmente, nesta listagem de "problemas de interesse comum", veiculada pelo presidente da associação, "profissão", "cultura", "saúde" ou "urbanização".

No estudo das reivindicações por educação escolar, mostrou-se necessário diferenciá-las as declarações de intenções, presentes nos momentos solenes da criação ou nas festas de aniversário das associações, das demandas que se mostram efetivamente concretas e conduzem a ações coletivas, a movimentos. Certamente os problemas levantados têm sua importância, mas, pela generalidade com que são apresentados, pouco nos dizem.

Declarações de intenções dessa natureza podem ser da mesma ordem das apresentadas nos prospectos dos pequenos (e grandes) corretores de imóveis que abundam em nossa região industrial. Um dos principais chamarizes para a venda de lotes ali é a "escola"; ao lado da "linha de ônibus". A constituição dos bairros e vilas a partir da atração dos trabalhadores para as proximidades do núcleo industrial em expansão, nas últimas três décadas, levou a um intenso processo de loteamento dos terrenos contíguos. Na publicidade feita nos pontos de ônibus que se destinam aos bairros operários, nas esquinas do centro de Belo Horizonte onde transitam os trabalhadores, na Praça da Cemig em Contagem, destaca-se a existência, ou instalação em futuro próximo, de escola, linha de ônibus, luz, água, como equipamentos e serviços básicos destinados ao consumo coletivo dos possíveis moradores.

Quando o loteamento é em bairro já existente, o apelo ocorre no mesmo sentido: destacando a existência de escola e linha de ônibus, dois dos mais importantes indicadores de que o bairro consolida-se, é considerado como uma área habitacional estável pelos órgãos públicos e pelos cidadãos, não corre o risco de vir a ser erradicado. A linha de ônibus "bairro X", com registro nas repartições competentes, é o sinal decisivo de que o núcleo residencial está definitivamente reconhecido.

Nos prospectos dos corretores imobiliários, talvez por se referirem ao mundo bem terreno da mercadoria, fala-se concretamente em "escola". É um dos argumentos principais para que se compre o lote.

2. Jornal dos Bairros, nov. 1970, p. 2.

No Jardim Filadélfia, segundo um morador:

"... os lotes foram comprados com promessas de água, luz, esgoto, **grupo escolar** e linha de ônibus, o que não temos aqui. . . Um dos problemas graves do bairro é a falta de um grupo escolar, porque as crianças daqui estudam no Alto dos Pinheiros, Pindorama ou no Padre Eustáquio. . ."<sup>3</sup>

Neste caso, a falta de escolas é explicitamente considerada como "um dos problemas graves", pois implica deslocamento das crianças para bairros que situam-se fora do perímetro da região industrial, como o Padre Eustáquio.

## A DENÚNCIA

Em outros depoimentos, a importância da educação escolar é assumida de maneira direta, através de denúncias sobre a ausência de escolas, em geral de 1ª a 4ª série, nos bairros ou suas proximidades.

No bairro Nosso Lar, a escola está entre as ausências sentidas pelos moradores, ao lado de água, luz, ruas, posto policial e condução.<sup>4</sup>

Um morador de outro bairro da região é mais enfático em relação à escola. Segundo ele:

"... O bairro esquecido de Belo Horizonte é o Bandeirantes. Foi fundado em 52 e até hoje não tomaram nenhuma providência, faltam várias coisas, principalmente **escola**".<sup>5</sup>

A falta de escolas é um problema comum aos loteamentos mais recentes e a vários bairros mais antigos que datam dos primeiros anos da "Cidade Industrial".

Um morador do Bairro das Indústrias assim relaciona os problemas do bairro:

"Falta de sinalização na entrada do bairro, muitos buracos na Comissabo, Máquina Altivo, Rua RCA sem calçamento e com muitos buracos grandes. **Faltam colégios municipais ou estaduais**, tem clínica médica mas é pago, sendo que pra maioria dos moradores não há condições de utilizá-la em caso de emergência. . ."<sup>6</sup>

Mesmo para um bairro situado no coração da região industrial, onde se instala a Mannesmann, sua mais antiga e principal empresa, permanecem problemas básicos, como a questão da escola.

A escola está listada entre as principais reivindicações, igualmente, para os moradores de vários outros bairros, que denunciam a ausência de equipamentos sociais básicos. Como diz um morador de Morada Nova:

"... Só não temos ônibus, não temos ruas, **não temos escolas**, não temos luz, não temos farmácia, não temos onde comprar um pedacinho de carne. . .

Lembramos aos senhores maiores que nós somos pobres, mas existimos".<sup>7</sup>

A exemplo de Morada Nova, a educação escolar é colocada, em vários locais, entre os principais problemas, aparecendo, nas denúncias, junto com luz, calçamento, ônibus, água, esgoto, etc. Em notícias e depoimentos prestados ao JORNAL DOS BAIRROS, no período, essas demandas por equipamentos sociais e serviços básicos veiculam-se junto às seguintes questões específicas ligadas à educação escolar: Nosso Lar (falta escola), Petrolândia (falta 1ª grau completo), Industrial (grupo escolar), Nova Olaria (escola), Washington Pires (grupo escolar), Conjunto Água Branca (escolas ainda

3. Jornal dos Bairros, jan. 1977, p. 5.

4. Jornal dos Bairros, dez. 1976, p. 3.

5. Jornal dos Bairros, jan. 1977, p. 2.

6. Jornal dos Bairros, jan. 1977, p. 4.

7. Jornal dos Bairros, jan./fev. 1978, p. 2.

## ATENÇÃO!!

MORADORES DOS BAIROS: CARDOSO, SOLAR, VILA SALE  
FLAVIO MARQUES, BRASIL INDUSTRIAL E SANTA CRUZ

ESTAMOS NOS UNINDO PARA CONSEGUIR ESCOLA GRATUITA  
DE 5ª A 8ª SÉRIES PARA NOSSOS FILHOS.  
SUA PRESENÇA É IMPORTANTE!  
CONTAMOS COM VOCÊ NA PRÓXIMA REUNIÃO

DATA 15-02-81 PRÓXIMO DOMINGO

HORA 15:00 horas

LOCAL GRUPO ESCOLAR DA RUA BOTUCATU - GRUPO NOVO

Comissão de moradores

não funcionam), M. Conceição, J. Marrocos e Sta. Edwiges (escola), Granja S. João (escola de 5ª a 8ª série), Flamengo (colégio estadual)<sup>8</sup>.

A colocação de inexistência de escola entre os principais problemas dos bairros e vilas da região industrial demonstra mais que uma simples aspiração individual de pessoas que, entre um leque de melhorias possíveis, acrescenta "escola". É sintomático, nesse sentido, que haja uma convergência em torno de algumas demandas fundamentais nos bairros da região, como transporte, água, esgoto, iluminação pública, problemas crônicos tanto para bairros de maior consolidação como para bairros novos. Essas listagens de problemas, em si, não expressam, todavia, a existência de reivindicações concretas que levem a movimentos coletivos.

### A CAMINHO DA AÇÃO COLETIVA

O trecho seguinte, parte de uma carta ao vereador ÁLVARO ANTÔNIO, apresenta outra dimensão do problema.

"Venho lhe informar mais alguns de nossos problemas, aqui em nosso bairro. Água, luz, transporte, grupo escolar, e não se falando no completo abandono de nossas ruas... Quanto aos estudantes, aqui não se vê mais. Já desistiram, não têm condições, trabalhar o dia inteiro e chegar por volta de uma hora da manhã..."<sup>11</sup>

A singularidade, neste caso, é que a denúncia se dirige ao "representante" dos moradores na Câmara Municipal, informando-o sobre alguns problemas, presumivelmente os principais. Neste caso, há intuito de que a denúncia gere algum resultado, de que o vereador se esforce em resolver, junto aos responsáveis, os problemas.

As cartas dos moradores do Bandeirantes e Industrial 3ª Seção são de cunho diferente, dirigindo-se diretamente às autoridades responsáveis:

"Queremos levar ao conhecimento das autoridades competentes que não temos condições de viver sem água, esgoto, escola e até sem condução (...). Quero

lembrar ao nosso governo da prefeitura que temos uma promessa de escola aqui no bairro dos Bandeirantes há 8 anos. Esperamos que agora o governo nos dê este prazer, pois temos mais de 250 crianças estudando no bairro Flamento e demais grupos".<sup>12</sup>

"...Nós aqui estamos sofrendo muito. Pedimos com urgência às autoridades água, rede de esgoto, grupo, colégio, asfalto, posto policial, posto médico".<sup>13</sup>

Esses moradores se dirigem às autoridades relacionando a escola a outras demandas concretas e lembrando promessa feita há vários anos. Ainda nesse caso, a solução está nas mãos das autoridades e os moradores a elas se dirigem, inclusive em tom de súplica, no último depoimento.

As demandas por escola se apresentam em outra dimensão, quando os próprios moradores passam das denúncias à ação.

"Este grupo de moradores (do bairro Monte Castelo) já está discutindo os problemas que a Associação terá que enfrentar, logo que começar. Além de procurar resolver o problema do grupo escolar e da água, os moradores estão interessados em construir um centro social para o bairro."<sup>14</sup>

Em Marilândia, os moradores promovem pesquisa no bairro identificando a falta de um grupo escolar entre os principais problemas. O mesmo processo ocorre no Parque São João, onde a associação levanta os problemas, selecionando-os "para serem resolvidos agora" e "outras reivindicações", entre as quais escola infantil e profissionalizante.<sup>15</sup>

### LUTANDO POR ESCOLA

No bairro Tirol, em 1981, a educação escolar se relaciona com outras demandas, mas numa qualidade inédita. O contexto é a criação do Movimento Comunitário da Região do Tirol, cujo trabalho tivera início um ano antes.

"Naquela reunião os moradores decidiram que iriam lutar por uma rede de esgoto e por um colégio. A rede de esgoto é uma realidade... O pedido do colégio está sendo estudado na Secretaria de Educação."<sup>16</sup>

8. Jornal dos Bairros, n.ºs: 6, 2ª quinzena de dezembro - 1976, 8-3; 8, 2ª quinzena de janeiro - 1977, p. 2; 23, 21/08 a 03/09 - 1977, p. 2; 26, 02 a 15/10 - 1977, p. 5; 40, 06 a 19/4 - 1978, p. 2; 48, 06 a 19/08 - 1978, p. 7; 50, 03 a 16/9 - 1978, p. 4; 98, janeiro 1981, p. 4; 100, 1ª quinzena de março - 1981, p. 2.

9. Jornal dos Bairros, n.º 19, 26/6 a 09/7 - 1977, p. 2.

10. Jornal dos Bairros, dez. 1976; jan. 1977; jan. 1981; mar. 1981

11. Jornal dos Bairros, jun./jul. 1977, p. 2.

12. Jornal dos Bairros, jan. 1977, p. 3.

13. Jornal dos Bairros, out. 1977, p. 3.

14. Jornal dos Bairros, set./out. 1978, p. 11.

15. Jornal dos Bairros, nov./dez. 1978, p. 5.

16. Jornal dos Bairros, mar. 1981, p. 5.

O processo subjacente a esse registro é muito mais complexo que os até aqui relatados. Há um movimento que seleciona suas principais demandas, concentra suas forças num objetivo, obtém vitórias e, a seguir, passa a outra reivindicação. Não se trata de uma mera denúncia, mas de um processo de lutas.

Esses últimos procedimentos indicam processos coletivos e implicam um certo nível de organização dos moradores. As reuniões de associações (ou de grupos mais informais de moradores) indicam um processo orgânico que percorre desde as aspirações até as reivindicações e lutas propriamente ditas.

Em reunião de moradores do Jatobá:

"... O povo falou sobre os diversos problemas da região, como falta d'água, luz, esgoto, ônibus, ruas cheias de buracos, **escola noturna**..."<sup>17</sup>

No bairro Camargos, a Associação de Moradores discute como enfrentar os problemas, em 1979. O primeiro é o ônibus, e depois a água.

"Foram ainda discutidos os **problemas da nova escola**, dos buracos nas ruas de acesso ao bairro e da reabertura de uma passagem por dentro do Magnesita, ligando o Camargos aos bairros vizinhos."<sup>18</sup>

O contexto político é o processo de surgimento ou revitalização das associações de moradores em diversos bairros. A prática de reunião para levantamento dos problemas e criação de associação, buscando soluções, generaliza-se a partir de 1978.

No bairro Santa Edwiges:

"... Durante a reunião ficou claro que o problema nº 1 é a falta de luz. Só com a vinda da luz é que um açougue e padaria poderiam se instalar no bairro. Também o **grupo escolar**, um posto médico, ônibus para o bairro só poderão ser batalhados depois que tiver luz."<sup>19</sup>

Pouco tempo depois é criada a associação de moradores do bairro, e há eleição da diretoria:

"... informaram sobre o andamento da luta, que já foi iniciada, pela luz, **escola** e ônibus."<sup>19</sup>

No bairro Brasília

"... alguns moradores fizeram algumas reuniões para tratar dos dois principais problemas do lugar: falta de uma linha de ônibus e a **falta de um grupo escolar**."<sup>20</sup>

No Novo Riacho

"Foram discutidas (na reunião da associação) as necessidades prioritárias do bairro, como: **escola de 5ª a 8ª série**, policiamento, canalização de córregos, asfaltamento, etc."<sup>21</sup>

Alçada à condição de um dos problemas prioritários, a educação escolar é móvel do processo de organização dos moradores em uma série de bairros. A organização no local de moradia acompanha as lutas por necessidades reais dos trabalhadores da região. Ao mesmo tempo, a existência da organização local oferece melhores condições para que as demandas se expressem enquanto reivindicações coletivas.

O processo até aqui descrito, que ocorre em momentos diferentes em cada bairro ou vila, de acordo com as circunstâncias locais, mostra o que pode ser considerado a tomada de consciência dos trabalhadores em relação à exclusão, a que estão sujeitos, dos bens sociais por eles produzidos. A ação dos próprios moradores passa a ser o instrumento fundamental das lutas por direitos sociais, disputando com o clientelismo a direção dos movimentos. As pressões sobre os órgãos oficiais assumem formas variadas.

No Eldorado, é realizada reunião dos moradores com representantes do prefeito de Contagem:

"... Outros problemas apareceram, além das ruas sem iluminação: água da chuva empoçada nas ruas, beco de lixo e com valetas cavadas pelas enxurradas, **necessidade de funcionamento do grupo escolar em construção**, para evitar que as crianças tenham que atravessar a (avenida) João César..."<sup>22</sup>

Há um interlocutor a quem apresentar as demandas: o Estado. Há reivindicações na mesa. Há ações efetivas no sentido de que sejam atendidas.

Os moradores de Palmares seguem o mesmo caminho e fazem abaixo-assinado ao prefeito de Ibituripe.

"... Os moradores falaram de vários problemas do bairro: distância que têm de andar para pegar o ônibus; **escola que é longe**; falta de rua e muitos outros. Mas acharam que o problema mais urgente é o das ruas: os buracos tomaram conta até da principal rua que dá acesso ao bairro..."<sup>23</sup>

Em seguida, levam o documento ao prefeito.

"... O prefeito disse, como sempre, que a prefeitura não tem a mínima condição. Mas, como o pedido não foi muito, ele prometeu abrir, calçar e asfaltar as ruas indicadas. **Ele prometeu também um grupo escolar no bairro Palmares**, que seria inaugurado em novembro de 1978 (mês das eleições) junto com as obras da rua. Os moradores perguntaram ao prefeito quando teriam início as duas obras e ele disse que daria início às obras no mês de maio.

Uma grande surpresa para o prefeito foi receber um abaixo-assinado com 855 assinaturas pedindo melhoramento para o bairro..."<sup>24</sup>

Iniciativa da mesma natureza é tomada no bairro Maria da Conceição, desta vez por um grupo de mães:

"Um grupo de dez mães de família de Maria da Conceição está planejando ir até a prefeitura de Contagem para reivindicar várias melhorias para o bairro. Elas insistem na necessidade de luz, um posto médico e de condução.

Mas o **principal problema sentido e apontado pelo grupo de mães é a falta de um grupo escolar**."<sup>25</sup>

Finalmente, os bafejos da abertura chegam ao Palácio do Governo estadual, que resolve, em início de 1980, fazer pedido de "sugestões" ao povo para o III Plano Mineiro de Desenvolvimento (PMDES). Representantes dos governos estadual e municipais da região metropolitana ouvem as reivindicações levadas por 250 moradores, representantes de 32 associações de bairro, representantes da Comissão Pró-Federação de Associações de Bairro da Grande BH. Há proposta de audiência semanal com os prefeitos e o governador e a proposta de que

"as associações e grupos comunitários unificassem suas lutas reivindicando **Educação** e Transporte. **A luta por mais e melhores escolas** foi lançada na própria reunião, com a distribuição de um questionário para levantar a situação do ensino na periferia."<sup>26</sup>

Esse processo não é levado adiante. Mas a própria colocação da educação como uma das duas mais importantes demandas capazes de unificar a luta dos bairros da região industrial, em 1980, expressa a importância que as lutas por escola, localizadamente, alcançaram na conjuntura.

É possível identificar, através de todos esses dados, um longo e tortuoso caminho em busca da educação escolar, sobretudo da educação elementar.

17. Jornal dos Bairros, jan./fev. 1979, p. 6-7.

18. Jornal dos Bairros, fev. 1979, p. 6.

19. Jornal dos Bairros, maio. 1979, p. 6.

20. Jornal dos Bairros, mar. 1979, p. 5.

21. Jornal dos Bairros, maio. 1979, p. 5.

22. Jornal dos Bairros, dez. 1977, p. 6.

23. Jornal dos Bairros, mar. 1978, p. 5.

24. Jornal dos Bairros, abr. 1978, p. 4.

25. Jornal dos Bairros, jan./fev. 1979, p. 9.

26. Jornal dos Bairros, jan./fev. 1980, p. 5.

Hoje Moradores dos Bairros:  
Cardoso, Solar, Jardim Industrial, Vila Sales,  
Santa Cruz e Flávio Marques

Precisamos de escola gratuita de 5ª a 8ª séries  
para nossos filhos. Nossa união é muito importante pa-  
ra conseguir esta escola.

Venha à nossa reunião de domingo

DATA 15 de Fevereiro de 1981 (domingo)

Hora: 15:00 horas

LOCAL: Grupo Escolar da rua Botucatu  
Comissão de Moradores

## A VITÓRIA E O APRENDIZADO

Quando nos debruçamos sobre as reflexões dos pró-  
prios moradores, trabalhadores da região industrial de Belo  
Horizonte e Contagem, sobre a prática de suas associações,  
podemos perceber a dimensão que tiveram as lutas por educa-  
ção escolar, no período.

No início de 1979, os moradores do bairro Lindéia  
promovem uma festa para comemorar um ano de lutas.

"Neste ano nós conseguimos que fosse construído um  
**grupo no bairro**, a água que já está chegando, a ilumina-  
ção pública, o posto médico, a anistia dos impostos e a  
anulação da multa de cadastramento, e o asfalto  
(...) Nós estamos conversando com várias Associa-  
ções, levando esta idéia e propondo uma luta comum:  
**exigir que nossos grupos tenham até a 8ª série**, porque  
as nossas crianças terminam o 4º ano, têm que parar de  
estudar."<sup>27</sup>

A construção do grupo escolar, ao lado de reivindica-  
ções de outra natureza, é resultado de um processo de lutas,  
de determinação e organização dos trabalhadores em associa-  
ções locais. Existem conquistas a festejar, resultado do traba-  
lho autônomo dos interessados. Além disso, há o vislumbre de  
uma união mais ampla com os moradores dos bairros próxi-  
mos, para exigir extensão de série.

Ademais, este é o momento em que se fala, pela pri-  
meira vez, em vitória, resultado da organização do Lindéia,  
que se destacou, no período, como um dos bairros de maior  
tradição em movimentos reivindicatórios. Atente-se, ainda,  
para o fato de que, embora não se trate de um bairro recente,  
é preciso muita luta para conseguir os equipamentos sociais  
e serviços básicos.

Os moradores do Sarzedo, em Ibirité, a exemplo dos  
moradores do Lindéia, fazem um balanço de suas lutas:

"Estas lutas não foram poucas: fundação do Centro So-  
cial, construção da sede, de um hospital, do **ginásio**, de  
Igrejas, luta pela instalação de uma linha de ônibus,  
luta pela luz, **escola**, pela construção do centro comu-  
nitário do Bom Jardim e pelas linhas de ônibus em vá-  
rios bairros."<sup>28</sup>

A luta por educação escolar registra-se no Jatobá, onde  
os moradores se pronunciam em assembléia, por ocasião da  
eleição da diretoria da associação.

27. Jornal dos Bairros, jan./fev. 1979, p. 7.

28. Jornal dos Bairros, jun. 1979.

"D. Aparecida: ... a luta pela água (...) trouxemos o  
prefeito de Ibirité, fizemos abaixo-assinado. No final,  
tivemos a informação de que água para nós só em  
1982. Depois nós iniciamos a **luta por terrenos para as  
escolas** em 5 bairros vizinhos. Esta foi bonita: no dia  
26 de agosto (de 1979) fomos 600 pessoas à prefeitura.  
Apesar de não termos sido recebidos pelo prefeito,  
conseguimos muito: O (bairro) Washington Pires e o  
Durval de Barros já ganharam seus terrenos. Conse-  
guimos também sentir a força da união do povo. Hoje,  
estamos dispostos a continuar firme nesta luta!"<sup>29</sup>

O mesmo processo de reflexão, de auto-educação, está  
presente na União de Defesa da Comunidade - UDC da Água  
Branca, onde um dos moradores depõe:

"... (Sr. Teco deu maior importância) à conquista de  
transporte coletivo, água (no Água Branca), posto mé-  
dico (no Jardim Bandeirantes), **grupo escolar**, etc, até  
chegar à própria criação da UDC..."<sup>30</sup>

A luta dos trabalhadores pela escola e por outras rei-  
vindicações na esfera do consumo coletivo resulta na **própria  
criação** da associação de moradores. A demanda por educação  
escolar, em alguns bairros, tem um importante papel na orga-  
nização dos moradores em torno das reivindicações por me-  
lhoria das condições coletivas de vida. Por seu lado, as asso-  
ciações de moradores se constituíram nos principais organis-  
mos da luta por escola.

A "educação popular" e a "educação escolar" dão-se as  
mãos no movimento real. As transformações na escola, as  
possibilidades e limites das mudanças que ocorrem nos planos  
e propostas do Estado não podem ser entendidas em toda sua  
extensão, se não se investigam as complexas relações com as  
pressões sociais que as originaram, não sendo desprezível o  
risco de se ficar a meio caminho, passos atrás das reivindica-  
ções colocadas pelos trabalhadores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Rogério Cunha de. *A luta dos trabalhadores pela  
Escola*. Belo Horizonte, UFMG, 1985. (Dissertação,  
Mestrado).

JORNAL DOS BAIRROS. Belo Horizonte, 1ª quin., out.,  
1976; dez., 1981, nº 01-101.

29. Jornal dos Bairros, fev. 1980, p. 6.

30. Jornal dos Bairros, ago. 1979.